

Este trabalho apresenta os resultados parciais da pesquisa que objetiva compreender as trajetórias emocionais das mães que compõem o Coletivo Mães Pela Diversidade (MPD) de Pernambuco, a fim de analisar as principais emoções compartilhadas e acionadas para que se constitua à militância política. O MPD tem atuado fortemente na militância LGBTQI+ em todo o país. O coletivo foi criado em 2015, no estado de São Paulo, e atualmente já se encontra presente em outros estados. É constituído de familiares, sobretudo por mães de gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e travestis, algumas delas, tiveram seus filhos assassinados ou vítimas de agressões pela homotransfobia. Em decorrência de ser uma pesquisa exploratória, optou-se por um estudo de caso que possui como foco uma mãe integrante do grupo. A metodologia empregada é de perspectiva qualitativa a partir da combinação do trabalho de campo, sob luz da teoria interacionista, com a etnografia partindo da premissa do ser afetado apresentada por Fravet-Saada (2005). Além disso, foi realizada uma entrevista narrativa com a interlocutora que é mãe de uma criança trans de 11 anos e que desde os 8 anos vive a transição de gênero acompanhada e amparada pela mãe.

A compreensão dos processos sociais os quais as emoções são tomadas como categoria de análise estão presentes nas Ciências Sociais desde os estudos clássicos sobre expressão dos sentimentos como o produzido por Mauss (1981). Na Antropologia Social e na contemporaneidade, o interesse no luto, amor, cuidado, ódio, tem sido tema recorrente e possibilitado adentrar na tentativa de compreensão do todo social. Com isso, é de se pensar como a emergência de sentimentos se liga as estruturas sociais a ponto de revelar uma complexa teia para além de questões íntimas que perpassam problemas sociais como o racismo, machismo, a homofobia e a transfobia.

Pode-se inferir, a partir da análise, que a existência do grupo constitui uma rede de apoio social em que as emoções são o fator determinante e o fio condutor para que se constitua à militância. É relevante indicar ainda que o processo de entrada no grupo provoca a insurgência de um “*self*” militante que redireciona os sentidos da maternidade que, embora ainda estejam ligados a concepções de afeto, cuidado e amor, assumem também o caráter de contestação política e social. Ademais, em diálogo com Vianna (2018), é possível perceber que os sentidos da maternidade, nesses contextos, servem também para uma legitimação moral e social. Por fim, é interessante ainda destacar como as emoções criam uma proximidade entre as mães, pois, é a partir da experiência de “revelação” do filho, que elas encontram mulheres participantes desse coletivo que passaram pela mesma situação e que são capazes de entender, acolher e instruir.